

## **Transcrição – Projeto “Trabalho e Identidade”**

- Entrevistadora: Camila Baptista Dias
- Entrevistada: Gilsa Pereira Ribeiro
- Data da Entrevista: 19/11/2004
- Local: Arquivo da Cúria Diocesana – Nova Iguaçu - RJ

### **Fita nº 01 – Lado A**

C: Hoje, 19 de Novembro de 2004, eu, Camila Baptista Dias, estou entrevistando Gilsa Pereira Ribeiro, no Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu, local onde a entrevistada trabalha.

É... Gilsa, eu queria que você falasse um pouco sobre a sua infância. Como é que foi a sua infância?

G: Bem... é... Meu pai foi embora cedo de casa né, com dois anos. Não, quando eu fiz cinco anos ele foi de vez, eu fui criada pela minha mãe, meu irmão... tenho um irmão mais velho que eu dez anos, Gilmar, e praticamente Gilmar foi o meu pai, me ensinou a andar, falar né, tudo ele.. me ensinou tudo, fomos criados assim muito agarrado um com o outro. Minha mãe dava muito conselho, pra ele... por eu ser um pouco mais nova né, ter diferença de dez ano e ela, ela disse que quando eu nasci ela ficou assim muito perdida, não, não sabia tomar conta de um bebê direito, então foi ela e meu irmão tomando conta de mim, daí quando fez... ele fez dezenove ano, ele casou cedo, então foi como se tivesse perdido assim um... meu pai... (levando ?) um pedaço de mim. Eu lembro que eu tinha nove ano, ele dezenove, ele casou eu fiquei com uma raiva da minha cunhada, achava que a minha cunhada tinha roubado ele de mim (risos da entrevistada), era muito interessante. Aí, eles foram morar no Rancho Novo, um bairro né, aqui em Nova Iguaçu e na direção da minha casa... aonde ele morava... ele morava perto duma... duma torre, que tinha uma luz vermelha... achava interessante que ele falava assim: “ É, Dida – que era o meu apelido – Dida, quando você sentir saudade de mim, cê abre a janelinha da porta da sala e olha pra luz vermelha”. E ali eu ficava o tempo... a maior parte do tempo olhando pra aquela luz vermelha que acendia à noite né, e ficava na direção que, era lá, nesse bairro, Rancho Novo. E, com isso, eu cresci...e, e tenho muito que agradecer a ele, que eu aprendi muita coisa assim com ele... ele tem uma cabeça, sabe, Nossa Senhora, muito bacana.

C: E como é que é a sua vida familiar atualmente?

G: A eu sou muito caseira, gosto muito de ficar em casa, gosto de passear muito, passeio muito, mas gosto de ficar muito em casa, me dedicar a casa, gosto de fazer faxina, limpar, entendeu, limpar... só não gosto muito de cozinhar. Mas... é... me

dedico muito assim, ajudo muito a minha mãe, que ela mora na frente da minha casa, ela tem a casa dela e eu tenho a minha, entendeu... então, as vezes, sou eu pra tudo né, pra limpar a minha casa, limpar a dela... e eu gosto. Eu gosto de família, gosto das pessoas na minha casa, parente, eu gosto da casa lotada pra conversá, assim, falar auto, conversa, grita... Ah! É bom, muito bom.

C: Você é casada?

G: Não, não. Não sou casada, eu sou solteira.

C: E tem filhos?

G: Não, também não.

C: É, qual a sua relação com a religião Católica?

G: É... com a religião Católica... bem... eu sempre fui Católica, apesar do meu pai... ele era Católico, mas assim, vamos dizer... Católico de boca, mas nunca foi de freqüentar a Igreja, nunca foi de participar de nada. A minha mãe ia muito num centro, num centro que tinha... centro espírita né, Centro Espírita do Dr. Renato, na época... é... é Kardecista. Então, eu só fico triste porque eu sou Católica, eu freqüento a Igreja, vou nas missa, não sou engajada em nenhum trabalho, assim, pastoral, essas coisa, mas eu vou, gosto, mas o que me chateia é que por eu ter tido assim, a infância um pouco afastada da Igreja, minha mãe por ser essa religião aí e meu pai não ser né... não ligar pra religião nenhuma, eu não fiz Primeira Comunhão, eu não fiz Crisma né, então, eu gostaria de ter feito, mas eu acho que agora também não tem mais... a idade também já... Já falaram pra mim: “a faz, o quê que tem, não tem nada a ver, a idade não tem nada a ver não...” A não, eu acho que não, tudo tem seu... sua época.

C: É, sua família é composta tudo... toda por Católicos?

G: Não, não, tem um pouquinho de cada um. Tem... tem crente, né, tem crente, tem católico, tem umbandista, entendeu, tem um pouquinho de cada religião né, mas a gente se entende, graças á Deus, assim, é uma coisa que a gente não comenta, apesar de ser diferente não pode nem comentar né, acho que cada um respeita, né, a religião do outro.

C: É... e como é que foi o seu primeiro contato com emprego?

G: É, eu tinha dezoito ano, e aí decidi... agora vou trabalhar né, e me manter, ter as minhas coisas, comprar as minhas coisas, então, na época a minha cunhada tinha tido a minha sobrinha, Aline, e eu pra ajudar ela né, ia pra lá pra casa dela tomar conta da Aline. Mas ao mesmo tempo, eu precisava de um emprego, achava que eu precisava de um emprego mesmo, pra trabalhar, ter Carteira assinada, né, ter todos os direitos. E nisso trabalhei lá na casa do meu irmão, fiquei lá e depois comecei a tentar arrumar um emprego na Catedral, mas, ao mesmo tempo, a minha cunhada tentou me colocar pra trabalhar num escritório lá na fábrica na Cerâmica, uma fábrica

de gesso. Então... e eu indo lá na Catedral tentar arrumar emprego lá. Aí eu lembro que um dia, um certo dia eu conheci né, o Padre Agostinho Preto e ele fez uma entrevista, gosto muito da minha entrevista, aí perguntou se eu poderia começar a trabalhar lá, só que eu tava terminando o Segundo Grau, na época á noite, e não compatia o horário. Aí, o quê que ele fez, ele falou: “Olha, então, você espera um pouco que daqui a um tempo a Cúria Diocesana, que é aqui na Marechal Floriano Peixoto, que é aonde é a Catedral, vai passar para a Rua Capitão Chaves, número 60, se dá um tempo, espera um pouco né...” Então, eu achei melhor assim, desistir, eu não... eu não procurei a fábrica de gesso, minha cunhada eu acho que até ela ficou um pouco chateada né, mas eu não... achei dar preferência a vir aqui, a procurar emprego aqui na Cúria.

C: E você, em algum momento, já passou por algum tipo de necessidade financeira ?

G: Não, não, graças á Deus não, porque – como eu te disse – o meu pai... meu pai saiu cedo de casa, mas ele ajudava né, dava uma pensãozinha assim, tudo que eu precisava... eu, eu estudava, então tudo que eu precisava, material de colégio, roupa, tudo ele vinha, era só eu ligar que ele trazia né, não reclamava e me ajudava. Mas não era a mesma coisa né, então, quando eu comecei a trabalhar eu lembro que eu liguei pra ele e falei: “arrumei um emprego de Carteira assinada...” ele ficou feliz da vida né, porque aí... isso acabou, assim, acabou, ele não me deu mais ajuda nenhuma né.

C: E, você sempre desempenhou a mesma função aqui na Cúria ?

G: Não, já, já... Quando eu vim pra cá... então foi assim, o Dom Adriano tava aqui e tinha dias de audiência né, então, nós vínhamos aqui, eu e mais três na época. (a entrevista teve quer ser interrompida pois a entrevistada precisou atender ao telefone, mas, logo em seguida, foi retomada). E a audiência do Dom Adriano na Cúria era às terças e quintas, então, nós vínhamos toda Terça e Quinta, toda Terça e Quinta a gente marcava, vinha à tarde e acabava se encontrando né, as menina que tão comigo aqui até hoje, né. Então, tá, tava lá, conversando com ele... aí eu tava terminando o Segundo Grau e aí ele comentou: “Olha, no momento não tem nada não, no momento não tô empregando ninguém, mas existe uma... luz no fundo do túnel, você não para de, de estudar, termina o Segundo Grau, né, e aos pouquinho... e foi passando o tempo e toda a Terça e Quinta eu vinha aqui e estudando, então teve uma Quinta – feira que eu tava tão cansada, tinha feito faxina (risos da entrevistada) em casa nem pensei em nenhum momento vir aqui, foi dia 25 de Outubro de 1983, era umas três horas da tarde e o meu tio trabalhava aqui na época – irmão da minha mãe – Milton, trabalhava na mecanografia, então o Dom Adriano pediu: “Milton, vai lá na casa da Gilsa, chama ela.” E nesse dia eu fui empregada, comecei a trabalhar, eu e mais duas, no caso era eu e mais três, sendo que saiu uma, faleceu e outra saiu, agora só tem duas né. Aí nós até se encontramos no corredor, mas cada uma foi pro seu... pro seu... pra sua sala né, nova. Aí foi quando eu comecei a trabalhar e achei tão interessante que eu nunca, acho que ninguém, ninguém acho que começou a trabalhar três horas da tarde numa firma né, comecei a trabalhar três horas, três horas da tarde, né... e tô aqui até hoje.

C: E alguém se opôs ou se opõem ao fato de você tá trabalhando aqui ? Da sua família?

G: Não, deram força por ser um trabalho... é... diferente né, e um lugar tranquilo, eu trabalho diretamente com padres, com feiras, entendo, mais ou menos, o assunto Igreja Católica, porque eu não trabalhei só num lugar, eu trabalhei em vários lugares. Aí tem pessoas que falam que eu me acomodei um pouco. Não, eu não me acomodei e acho que foi justamente por isso, por ter participado né, em vários... (a gravação foi interrompida para que a entrevistada pudesse atender as pessoas que chegaram no Arquivo) Aí trabalhei em vários setores, começando, a primeira logo que eu cheguei aqui fui falar com Dom Adriano, ele me empregou aqui e fui trabalhar com a irmã Nera, no CERIS, o CERIS é o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, trabalhava com a irmã, ela era belga né, da Bélgica, irmã Nera Laleman, trabalhei com ela um bom período, depois fui participar... trabalhar lá embaixo, numa sala que tem... tinha mecanografia, onde meu tio trabalhava e eu trabalhava com uma outra menina ajudando... nós duas trabalhávamos juntas na Folha da Missa, a Folha da Missa era impressa na editora Vozes, lá em Petrópolis. Então, tinha assim, os assinantes da Folha, vamos dizer assim, aquela mi... aquela folha né, da missa de todo Domingo, e ela era impressa lá, era bonita, era colorida, cada mês vinha um colorido, tinha aquela parte da frente da capa da folha, tinha uma mensagem do Dom Adriano, que é muito interessante, muito bom mesmo, entendeu, a ilustração, o colorido, o papel era muito bom, muito bom mesmo. E, com isso, eu trabalhei um bom tempo lá na Folha. Era assim, os assinantes da Folha era de todo, todos Estado do Brasil e fora, o exterior assim, Alemanha, Suíça, fora as cortesias, e, com isso, nós trabalhávamos, fazia... contava né, contava de... vamos dizer cinco assinatura da Folha por Domingo, quatro semana, cinco semana, de 1.5000 a 2.000 exemplares, dependia das Paróquias, dependia dos Estados que ia, nós contávamos aquilo tudo, embalava-mos numa folha de papel pardo, passava corda... não, era barbante, tudo arrumadinho, ficava igual aquelas caixinhas né, toda certinha, aí nós íamos, tirava um dia só pra isso, depois disso tudo embalado, tudo contado, nós enchíamos a Kombi – que na época o André trabalhava aqui, que era o motorista do Dom Adriano, né, sobrinho do Dom Adriano – o André tinha uma Kombi e nós enchíamos a Kombi até em cima e íamos pra... correio, pus correios, e lá nós ficávamos um dia inteiro, porque até separar aquilo tudo, os selos né, selos de várias, vários valores, de cinquenta centavos, vamos dizer assim, até mil reais, então era tudo separado, pesava e ia, ia... nós ficávamos o dia inteiro lá, depois voltávamos. Também tinha a parte de assinatura da Folha né, que, as vezes, muita gente queria mais exemplares, ou cancelar. Aí depois eu trabalhei um período na contabilidade, fiquei lá, trabalhando com o Antônio Soares, que é o contador daqui da Cúria, trabalhei lá. Aí... fiquei um bom tempo lá e aí mudou de Bispo, o Dom Adriano se aposentou, aí depois... demorou um pouco, veio o Dom Werner Siebenbrock, um alemão, ele veio lá de... da Diocese de Santos né, veio pra cá. Aí, eu trabalhando na contabilidade e tinha a Fátima Regina. A Fátima Regina trabalhava lá embaixo, mas ela ficou um pouco adoentada, tinha problema de nervos e faltava muito, então, eu pra ajudar a Fátima, eu descia trancava a sala da contabilidade e descia pra ajudar a Fátima e nisso ela foi só se agravando, depois do falecimento do Dom Adriano ela piorou, isso mexeu muito com ela, então ela faltava

direto, ela trabalhava duas vezes na semana só, ela tinha crise de choro, ela ficou, ela ficou muito ruim mesmo aí ela entrou... ficou encostada pelo INSS, INSS e Dom Werner achou melhor... é... me colocar lá embaixo no lugar dela, foi quando a contabilidade ficou fechada por um período e eu desci pra trabalhar no primeiro andar. Então, eu trabalhava atendendo telefone, atendendo as pessoas que chegavam, eu fazia processo de casamento, aí já era um outro serviço, não tinha nada a ver com a Folha, era processo de casamento, anulação de casamento, as pessoas chegavam, por exemplo, primos queriam casar, aí você tem que pegar o processo de casamento, aí tem autorização, autorização divorciado, tudo, tudo em relação a casamento né, casamento de primo tinha que fazer consangüinidade, disparidade de culto, quando duas pessoas casam e tem assim... são de outra religião. Então, aí fiquei lá um período, além de atender o telefone e ajudar também a menina que era tesoureira, que ela fazia a parte, né, da tesouraria, aí ela me dava, por exemplo, além de tudo eu ainda ajudava atendendo as pessoas que vem, até memo padres, pessoas da Igreja, pagar o Caminhando... era um carnezinho que tinha, eram três carnê, o do Caminhando, o do Plano de Saúde – que antigamente era IPREC... (a gravação foi interrompida para que a entrevistada pudesse atender ao telefone, mas foi retomada logo em seguida)... e agora é associação do Clero, então eram três carnê, que eram três caixa, Caminhando, o jornalzinho da nossa Diocese, Associação do Clero – que era o plano de saúde dos padre, né... e o Tributo Sagrado – que é uma taxa que todas as Paróquias contribui e esse dinheiro do Tributo Sagrado depois é entregue ao Seminário, pra manter o Seminário com alimentação, manutenção... (a gravação foi interrompida para que a entrevistada pudesse atender ao telefone, mas foi retomada em seguida)... E, aí, fiquei um período e voltei pro quarto... segundo andar, pra contabilidade, trabalhei na... voltei trabalhar com o Antônio Soares né, que é o contador, fiquei um período lá, mas ajudava também, numa certa época, a Celinha da livraria, então, eu ia lá pra, pra livraria, a livraria era muito, muito, assim, movimentada, a Celinha não dava conta, então eu ia pra lá, eu fazia, assim, ajudava a, a arrumar os cartões – porque tem cartão de Natal, tem livros – então, eu limpava tudo, quando tinha que ir na Edições Paulina, lá na Sete de Setembro, no Rio, eu ia, pegava Evanil ia lá buscar as encomenda dos livro né, porque os padre encomendava muitos livro, que eu a ... assim tem muito trabalho também na livraria, muita, muita... muito serviço, eu, as vezes, tinha um dia pra limpar um gavetão... Ah!... era demais aquele gavetão... tinha cartão de Natal, cartão de Primeira Comunhão, lembrancinha, aí tinha que separar tudo aquilo por, né... por... tinha as ordens lá, a numeração, botar o valor e eu fiquei um período lá ajudando a Celinha e, na época, na contabilidade. Aí veio o ... veio um tempo que o ... eu conheci a ... o Antônio, Antônio Lacerda de Menezes – que é o arquivista, professor de História e ele sempre comentava comigo que ele queria uma pessoa que trabalhasse no quarto andar, pra ajudar ele, pois ele faz muito serviço na rua, ele vai muito na Secretaria de Cultura, tem reunião, tem Congresso, ele participa de várias reuniões, e, ele sempre falando pra mim que ele precisava de uma pessoa pra ficar no quarto andar pra ajudar ele a fazer a ... digitar, tem o ... testamento lá no quarto andar, “Gilsa tem muito serviço o acervo é muito grande”, mas eu nunca imaginei que um dia eu ia aparecer lá no quarto andar... E trabalhando, teve uma reunião, eu trabalhando lá na contabilidade, teve uma reunião e os padre acharam melhor, os padre mais o Sebastião Cosme – que é o nosso chefe né, ele é responsável pela... pelos funcionário – achou melhor a Gilsa trabalhar no

quarto andar com o Antônio. Aí eu vim pra cá, pro quarto andar, aí, nossa, já é outra, outra... outro tipo de, de trabalho. Trabalhar aqui no quarto andar pra mim é... eu acho que é um dos lugares melhores que eu já trabalhei, entendeu, não tô me queixando dos outro, mas aqui eu já aprendi muita coisa o tempo que eu tô aqui, vai fazer dois ano, eu entrei dia 5 de Fevereiro de 2003, eu vim pra cá e o Antônio ficou feliz da vida, que agora ia dá mais chance dele resolver as coisa dele na rua, coisas memo relacionada ao serviço né, de restauração, de... acer... dos acervo que tem aqui, que tem um acervo muito grande do Dom Adriano, tem fotos do Dom Adriano, as carta, as carta dele, cartas que... que ele recebia, é... porque ele recebia, assim, uma ajuda muito grande da Alemanha, e essa ajuda que ele recebia, é... fez com que o nosso Seminário né, que esta aí até hoje, ele deu continuação, assim, fez, inaugurou o Seminário, o Centro de Formação e outras entidades que tem aqui na nossa Diocese. Então, as cartas dos bem – feitos tudo tá aqui, tudo aqui, aqui tem... (a entrevistada pediu que a gravação fosse pausada para que ela pudesse organizar na sua mente as coisas que existem no Arquivo da Cúria, mas logo foi retomada a gravação)... Recorte de jornais, livros antigos, é... testamentos de 1700 da Freguesia do Iguaçú, de Marapicu, Iguaçú Velho, assim, Nova Iguaçú, como antigamente era Nova Iguaçú com dois “s” (risos da entrevistada) e depois Maxambomba, os livro, né, de escravo, casamento, batizado, óbito, tudo aqui. O acervo é muito grande no quarto andar, aí tem imagens pra ser restauradas, já foi restaurada uma imagem de São Sebastião de 1785, mas já voltou lá pra Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Queimados. Ele veio pra cá muito deteriorado, os cupins, praticamente, acabaram com a cabeça e com os pés dele e eu fiquei descobrindo, depois, assim, que o restaurador começou a vir pra cá – o restaurador Gilson né – ele fazia dois trabalho de restaurar o São Sebastião aqui e uma Santa lá em Piabetá né, então, ele veio pra cá e disse que aquela corda – porque era um São Sebastião diferente, ele, ele... a mão dele era presa por uma corda – e ele falou que aquela corda tinha trezentos anos (risos da entrevistada), achei muito interessante, era... a corda era original, era verdadeira mesmo. Então, ele veio pra cá, ficou um bom tempo, quase um ano, mais de um ano, assim, o São Sebastião, chegou a participar de uma exposição muito bonita lá no SESC né... (a entrevistada pediu que a entrevista fosse pausada a para que ela se lembrasse do nome da exposição)... O nome da exposição era Devoção e Esquecimento, aí o Antônio como tinha as... as imagens ficavam aqui, ele emprestou ao SESC pra fazer a exposição e depois ele... elas voltaram pra cá e ainda tem algumas aqui, São Sebastião já foi entregue na Igreja e ainda tem um São.. Santo Antônio, Nossa Senhora do Rosário e já chegou mais outras né, como o Menino Jesus de Praga – que precisa fazer uma limpeza, depois a restauração, é... Santa Cândida... fica tudo guardada na sala 404 que a gente mantém guardado, porque depois que teve aquele roubo né, na Posse e que levaram a sagrada família, a gente evita, assim, de deixar exposto né, então, não é bom, a gente guarda. O Antônio também, porque depois desse, desse assalto que teve lá na Casa de Oração, é... o Antônio ficou muito chateado, porque as imagens são antigas, de mil oitocentos e... pouco... e... Sagrada Família e as irmãs que tomam conta lá ficaram muito triste porque a gente nunca espera de isso acontecer, a gente acredita que foi um colecionador, alguém que... e pode tá bem longe daqui e elas também ficavam... elas ficavam... elas eram grandes, era a Sagrada Família né, Maria, José e o menino Jesus, ficavam num altar, parafusada e quem fez né, planejou, não foi assim de uma

hora pra outra e antes, uma dois dias antes delas sumirem, um rapaz teve lá, fotografando, pediu a irmã se podia fotografar, achou muito interessante as imagens, então, tudo deduz que de repente foi até ele ou uma equipe, porque pra carregar eu acredito que foi mais de duas pessoas, porque pesava e na hora - foi na hora do almoço tudo correndo – teve que ser tudo rápido né, pra ninguém ver, pra ninguém... E até hoje a gente fica triste porque ficou aquele vazio lá, colocaram um quadro no lugar, mas não é a mesma coisa e a gente acredita que tá longe né, não tá mais aqui em Nova Iguaçu, nem no Rio, acredita que tá longe, em outro Estado.

C: E... você trabalha em outro lugar... além daqui ?

G: Além do quarto andar não, por enquanto eu acredito que... espero me aposentar aqui né, apesar de o acervo tá... ser bem grande, tem muito trabalho aqui e cada dia que eu chego aqui, cada dia que eu mexo no armário é novidade pra mim, agora mesmo descobri que tem livros, não muito antigos, apesar dos antigos que tem né, tem três armários só de livros antigos, de 1600, 1700, tem os livros de 1973, 76, de casamentos na Igreja da Prata.

C: E fora daqui da Diocese você trabalha em outro lugar ?

G: A trabalhei um período com meu irmão, meu irmão é dentista e na época, antes de virar babá – que eu trabalhava (risos da entrevistada)... trabalhei também um período na casa do meu irmão tomando conta da minha sobrinha – mas, antes disso, trabalhei no consultório dele né, ajudava lá, limpava o consultório dele, fazia... arrumava as fichas né, dos pacientes, fiquei lá um período, mas...

C: Mas, e atualmente, só trabalha aqui na Diocese ?

G: Só trabalho aqui. Gostaria muito de arrumar emprego na parte da manhã, mas o trabalho é, é difícil, é muito difícil porque o nosso horário né, atrapalha um pouco, é de meio dia às dezenove, então não tem como...

C: E... a renda daqui é só pra você ?

G: É... é pra me manter, ajudar minha mãe. A minha mãe, ela é aposentada né, sempre precisa de uma ajudinha, eu faço tudo e eu também faço trabalhos manuais, que também ajuda, é... pago os meus cursos – quando me interessa – que eu já fiz vários cursos... (a entrevista teve que ser pausada para a entrevistada atender ao telefone, mas logo foi retomada)... Aí vai... fiz vários cursos, tapeçaria, pintura em vitral, vendi muitos quadros, tudo que eu pintava eu vendia, é... fiz curso intensivo, a única coisa que eu gosto de fazer é costurar, não é... costurar, fazer crochê, não, não... eu sou mais chegada assim, a fazer é, é... pintar, eu gosto de pintar, aprendi fazer trabalhos com caixas, caixas personalizadas, papel com rugado, aprendi a fazer anjinho, agora no Natal aprendi a fazer um monte de anjinho, mas não fiz curso, eu vejo o da revista e... e tá certo, sai... aprendi a fazer porta – retrato, já fiz... ih!... muitos enfeites, assim, pra aniversário... aniversário último que fiz foi pro filhinho da minha prima, que fez um ano, Guilherme... os painéis, a mesa, foi tudo... os

enfeitinhos da mesa, tudo... o tema foi palhaço, então, me dediquei só nisso, foi em julho o aniversário dele, mas em maio eu já tava fazendo, que eu não gosto de nada em cima da hora, então, já deixei tudo pronto, tudo guardado, botei tudo assim, dentro duma... de uma... de uns sacos plásticos bem grande pra não amarrotar, ficou tudo guardado. Aprendi a fazer xaxim, eu já fiz caixinha pra bodas, uma colega minha que tá aqui, a mãe dela fez 40 ano de casada, então, a cor ela queria era branca e vinho, fiz as caixinha, já fiz caixinha personalizada pro filho de uma vizinha minha, botei o retratinho dele até... caixa personalizada pra uma colega minha, a Rita lara que fez 40 ano, aí eu coloquei... fiz uma caixa dorada, botei quando ela nasceu, a Primeira Comunhão dela, quando ela casou, quando ela teve os filho, tudo, assim, na parte de cima da caixa né, a gente aproveita tira xerox da foto colorida né, aí botei anos dourados de Rita lara, aí ela chorou, quando recebeu a carta... a caixa, mas não foi minha intenção entendeu, [aí?] comemorar assim, lembrar... é uma coisa que aí ela falou que agora ela guarda um monte de coisa dentro da caixa, que a caixa é grande. Mas é isso, aí eu tô aqui no quarto andar trabalhando com o Antônio, a gente se dá muito bem, graças á Deus, eu acredito me aposentar... ficando aqui e me aposentar aqui, porque ele diz que tem trabalho pra vinte ano aqui, tem muita coisa mesmo né, eu... eu digito muita... passo muita coisa pra... pro computador, que realmente ele não tem tempo de fazer isso, atendo o telefone, é... anoto nas agendas os compromisso que ele vai fazer, tudo assim...

C: E você se considera realizada profissionalmente ?

G: A ... a eu acho que sim, eu acho que sim. Acho que eu já fiz de tudo um pouco aqui, entendeu, então, acho que é mais assim... poderia até escrever um livro, que é assim... Gilsa e a Diocese, porque, nossa!, são vinte e um ano né, é muita coisa, aprendi muita coisa, é... pra ensinar em relação a, a Igreja Católica, nossa é muito bom, eu não me arrependo em nenhum momento, eu acho que foi muito difícil d'eu entrar pra cá, foi uma ano e um... um ano e um mês tentando trabalhar na Diocese, um dia fui chamada, comecei três hora da tarde e tô aqui até hoje, então, não me arrependo e com... em relação a comodismo, eu acho que pra mim não existe comodismo, porque – como te falei – já trabalhei em vários setores aqui, já sei um pouquinho de cada trabalho daqui, só ainda não tra... só não participei... só não trabalhei ainda na cantina (risos da entrevistada) e na Coordenação de Pastoral, não trabalhei ainda na Coordenação de Pastoral, mas acredito que vou continuar aqui no quarto andar.

C: Você acha que, que esse seu trabalho pode vir a desaparecer ?

G: É... não sei, porque – cê sabe – Vaticano, Roma, Papa, é... e as modificações... Eu acredito que não, porque arquivo até o Papa mesmo, ele, assim, ele decretou uma lei que tem que ter arquivo em todas as Dioceses né, é preciso porque o arquivo é a história de como tudo começou, quando que surgiu a Diocese né, como surgiu aqui e a história de tudo, das Igrejas antigas né, tudo, até memo da, da cidade aonde tá o arquivo, por exemplo aqui em Nova Iguaçu, aqui tem a história da baixada Fluminense, Nova Iguaçu, a cidade – como diz o Antônio – é a cidade perfume, que era do tempo dos laranjais né... Então, tem as histórias também da... das Igrejas

antigas. Eu acredito que, que possa modificar, sempre tem umas modificações, mas acabar mesmo, acabar, eu acredito que não. ( a gravação foi interrompida para a entrevistada atender uma pessoa que chegou, mas ela já havia finalizado a resposta. Logo em seguida a entrevista foi retomada).

C: É... como é que é a sua relação com os outros funcionários aqui da Diocese ?

G: A ... os colegas aqui são legais, são prestativos, eu também faço tudo pra... faço o possível pra me dar bem, assim, a hora que precisar de mim pode contar comigo, entendeu, assim...

### **Fita nº 01 – Lado B**

C: É...Gilsa, você acha que a escolaridade, ela, pode influenciar no tipo de emprego que a pessoa tem ?

G: A ... acredito que sim, que hoje em dia, é... ter um grau superior... eu como tenho né, grau incompletos (risos da entrevistada), grau superior incompleto, eu... eu fiz faculdade de Análises de Sistema na época né, Informática agora, fiquei um ano e três mese, porque pintou o Vestibular, eu fiz, passei, entrei pra Faculdade, na época ela, a faculdade, era em Nilópolis – ABEU – tinha Pedagogia e Análises de Sistema, a ... pedagogia eu acho que não tem nada a ver comigo, dá aula, não, não e também não tinha feito Normal, não tinha experiência nenhuma, apesar também não ter experiência com informática, eu não tinha feito nenhum curso de informática na época, fui fazer bem depois né, fiz uns três curso de informática, mas na época eu entrei na faculdade eu num... eu não tinha experiência de nada, então, as provas eram feitas no computador, a ... teve provas que eu tirava zero, assim, porque se você esquecer uma vírgula, um ponto, é um programa, quer dizer, a prova era um programa feito no computador e, então, eu ficava perdida. Mas foi uma experiência muito grande, agora se tivesse que fazer outra faculdade eu acho que eu faria Fisioterapia, eu acho uma coisa muito interessante sabe, fazer fisioterapia, também eu poderia ajudar as pessoas da família, pessoas que tem artrose, conhecidas, até mesmo minha mãe né, que tem problema de artrose seríssimo, então, ajudaria...

C: Mas... a ... a sua... é... o fato de você não ter terminado o Terceiro Grau não te impediu de arrumar um emprego aqui na Cúria ?

G: Ah! Sim, é. Porque também tava terminando o Segundo Grau, que acho que na época, a 21 anos atrás, Segundo Grau, acho que tinha um pouquinho mais de né, é... é, vamos dizer assim, tinha mais um valorzinho né, hoje em dia não, hoje em dia é bom, se a pessoa tem condições de estudar, melhorar, entendeu, assim, fazer uma faculdade, se especializar, não, nunca deixar de, de fazer curso, quanto mais você, você estuda né, acho que mais chance tem, mais janelas abertas tem pra você.

C: E como é que você vê a perspectiva de emprego pros jovens atualmente ?

G: É... tá difícil em geral, né, tá difícil, mas é como eu tô te falando, o jovem, hoje em dia, eu sei lá... não todos, mas tem muitos descansados, que não pensam em estudar e pensam assim: “A eu tenho um conhecido, não que ele vai me ajudar, não, não...” Não é assim, não é todos que tem a sorte de entrar pela janela, apesar que, assim como entram né, por exemplo, surge um outro governo e, e muda tudo, aí ele é logo... sai, sai fora logo, é logo dispensado, mas, estudando tem mais... é como eu tô falando, estudando você tem mais chance de, de melhorar, de, de crescer né, você entra pra uma firma, aí você estuda mais um pouco, aí você vai subindo, subindo e acontece de você... conseguir né, aquele seu objetivo, por exemplo, fazer a faculdade, estudar, mas não é todos também que tem chance e ao mesmo tempo eu penso que tem muitas chances hoje em dia, mais do que antigamente, por exemplo, tem faculdades, hoje em dia, que, que você pode fazer um curso ou gratuito ou até mesmo de taxa menor, dando chance de você arrumar um emprego né, fazer... preencher mais o currículo.

C: E o quê que você acha desse processo de informatização nos locais de trabalho ?

G: A... muito importante, apesar que eu conheço muitos lugares que ainda não tem, por exemplo, ó tem muitas Igrejas que eu noto que ainda não tem e, hoje em dia, ai, o computador né, a informática é tudo, você, você imagina você colocar tudo, digitar tudo, deixar tudo guardado né, sempre tá fazendo um backup pra não sumir as coisa (risos da entrevistada), mas, nossa!, tudo você procurá, você não precisá mexer em nada, por exemplo, livro antigo que você não pode mexer muito, por exemplo, um livro de casamento do tempo de 1700, de escravo, você digitando ou digitalizando né – como hoje em dia agora é assim – você não precisa manusear aquele livro, que já tá deteriorado, tem fungos, é bom você não mexer, você vai lá no, no arquivo lá, clica, já encontra tudo que você quer, a mesma coisa é a internet, que coisa mais... você dentro da sua casa, do seu trabalho, você pode viajar o mundo inteiro, pela internet, a eu acho uma coisa muito, muito importante e as pessoas devem fazer curso pra, pra se aprimorar, aprender, porque é muito bom. Eu tenho uma prima da minha mãe, com 60 ano, ela cismô, “vou estudar”... aí fez Direito e se formou, era a aluna mais antiga... Ai, eu queria ser assim, ter mais... sabe, ter... força de vontade, que isso é força de vontade, com 60 ano, era a, era a aluna mais antiga da classe, se formou em Direito, não abriu consultório, não se especializou, não trabalhava no ramo, mas só em conseguir chegar a essa meta, achei bacana.

C: Como é que você vê a questão do desemprego... hoje em dia ?

G: É difícil, hoje em dia tem muita gente desempregada, tem muita gente correndo atrás, e, e... pessoas que não tem muita instrução pega qualquer coisa, por exemplo, eu tenho até pessoas na família que tão desempregada, pessoas que trabalhavam de carteira assinada, entendeu, com tudo, com todos os direitos e agora não conseguem, por não ter também um... né... muito estudo, distribui currículo e fica esperando a oportunidade aparecer, então, também aparece qualquer coisa, como... “a vou ser diarista”... “a apareceu uma vaga pra você fazer uma faxina”... e não pode ficar

parado e pega né, no caso. Agora o desemprego hoje em dia, tá, tá, tá... é muito grande, não só aqui no Rio né, São Paulo... é acho que o mundo inteiro e isso gera violência, porque a pessoa desempregada começa a se desesperar e vai pro, pro lado errado, mal caminho né, então começa a faltar as coisa dentro de casa, o desespero, aí que, as vezes, muitas pessoa se vicia e cria, por exemplo... cai no alcoolismo, nas droga e isso tudo gera violência e, e gera dinheiro, porque roba pra ter as coisa. Agora, com relação... a questão de desemprego pra mim é muito difícil, assim, e triste também.

C: E você tem medo de ficar desempregada ?

G: É... pra falar a verdade tenho – como te falei – trabalho aqui a muito tempo né, e... a gente nunca espera que isso aconteça, mas acredito também que um dia se eu fosse mandada embora eu acho que talvez só poderia arrumar emprego em relação, assim, num lugar, não sei... que tenha a ver com a Igreja Católica né, porque foi a maior parte do tempo eu fiquei aqui, sei de vários trabalhos... já passei por vários setores aqui – como te falei – então, eu acho que pra arrumar um outro emprego né, de Carteira assinada, com todos os direitos, teria que ser em uma outra Diocese, teria que ser uma Dio... uma Igreja né, que foi o lugar onde eu fiquei a maior parte do tempo e sei o serviço né, então...

C: Você não se vê desempenhando outras funções ?

G: A ... é... não sei. Eu, eu...é porque eu acho que o trabalho aqui em si ele é muito, assim, monótono, se torna monótono, você fica ali, entendeu, então... Trabalhar em outra, outra... a eu acho que não, acho que não, eu só vejo, se no caso isso acontecesse eu ia ter que lutar e correr atrás de um emprego que tivesse relacionado a Igreja Católica, com certeza.

C: E, assim, qual o seu sonho de vida ?

G: É, o meu sonho de vida, é daqui, por exemplo, vamos dizer, quando me aposentar. Fosse sabe que aposentadoria hoje em dia não é nada né, se paga ali o INSS e quando você se aposenta memo você recebe aquela mixaria né, então, o meu sonho de vida é ter uma casa própria tá, que, graças á Deus, eu tenho uma casa própria né, eu... a casa até onde eu estou é minha, mas só que tá em inventário e você sabe que essa coisa de inventário demora, é... morreu meu pai, aí morreu a minha vó – que eram os proprietário – então, tá tudo parado na mão de, de... do advogado, então, eu acredito que quando bater o martelo eu possa ter condições de comprar uma casa né, então, vou levar minha mãe comigo, aí nós vamos morar juntas, mas acho que meu sonho mesmo é ter assim um... um teto, uma casinha, entendeu, que eu não tenha que pagar aluguel, pagar taxa, essas coisa não, quero ter uma casinha e passar o meu restinho de vida né, aproveitando a vida na maneira do possível, passeando muito, que eu gosto... (a gravação foi interrompida pois havia uma pessoa falando muito alto ao celular, atrapalhando a gravação, mas, em seguida, foi retomada)... Gostaria de ter, assim, um sítio, não é nem bem, um sítio, comprar um terreno, num lugar bem alto, fazer uma casinha, bota uma piscininha, que eu possa ir no final de

semana, sabe, levar os amigos, fazer aquela churrasqueira bonitinha e assim, ter um lugar pra plantar, né, plantar, num canto assim botar bastante... fazer a minha plantação e poder desfrutar né, desse lugar, é... eu acho que é um dos meus sonhos assim, eu penso assim e... conhecer mais lugares, que eu já conheci bastante, graças á Deus, não fora do Brasil, aqui dentro memo né, eu tive a oportunidade de viajar, de conhecer alguns Estados... a ... é muito bom, nossa!

C: É... bem, o quê que você achou da entrevista ?

G: Eu achei muito interessante, eu... até que eu consegui assim, tô mais calma, consegui responder tudo certinho (risos da entrevistada), não fiquei nervosa, acredito que tenha saído bem né, eu expliquei tudo direitinho, como é que é minha vida, como foi né, desde o começo que eu nasci, até agora que eu tô aqui, acredito... e eu gostei muito, foi muito interessante que eu nunca tinha passado... ninguém nunca tinha feito nenhuma entrevista comigo, no mínimo vai ser... tomara que sirva, daqui uns dez ano, vinte ano né, alguém precisar assim... (risos da entrevistada)... eu gostei.

C: A ... e por que que você resolveu dar essa entrevista ?

G: A ... que também é uma maneira de contar né, um pouco a minha história, a ... história daqui, das pessoas que já passaram pela, pela minha vida, as pessoa que, que tão comigo até hoje aqui né, trabalhando junto, então, falei um pouquinho de cada coisa né, do trabalho... sobre o meu trabalho aqui, o quê que eu faço aqui na Cúria, o quê que eu fiz né, o quê que eu tô fazendo durante esses vinte e um ano aqui na Cúria, então, pra mim foi muito bom, gostei muito mesmo.

C: Gilsa, eu queria agradecer você ter me concedido essa entrevista...

G: A ... eu que agradeço a paciência, valeu mesmo Camila, gostei muito... (obrigada...) tomara que dê tudo certo.